

# A inculturação da celebração da fé

Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa

## RESUMO:

*A inculturação da Liturgia é uma atitude natural, considerando que a celebração da fé já nasce inculturada num contexto simbólico e social. Com o passar dos séculos, a liturgia que Cristo fundou no Cenáculo teve que passar por três inculturações de grande porte: a inculturação grega, a romana pura e a romano-germânica. A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II aponta para uma quarta grande inculturação, que depende de alguns fatores, como a correta interpretação do Concílio Vaticano II e um empenho necessário para que a inculturação ocorra.*

*Palavras-chave: inculturação, liturgia, Cristo*

## ABSTRACT:

*The inculturation of the liturgy it is a natural attitude, considering that, the celebration of the faith has already been Born in inculturated social and symbolic context. As the centuries passed by, the liturgy founded by Christ in the cenacle, had to pass through three great inculturations: Greack inculturation, the pure roman and the germanic-roman. The liturgical reform of Second Vatican Council points out for the fourth great inculturation, which depends in some of the factors, as it's carried on in the Second Vatican Council interpretation and a necessary efort for the inculturation to take place.*

*Key-words: inculturation, liturgy, Christi.*

Quando a Igreja adotou a iniciação como método de introduzir seus filhos no mistério pascal, estava seguindo os passos de Cristo e inteligentemente colocando em prática no contexto humano, que vive em contínua mudança, a sua missão de proclamar de modo inteligível e eficiente na cultura grega helenística e nas diversas culturas a Palavra imutável de Deus. Foi capaz

de adentrar o mundo simbólico das culturas para encontrar espaço para apresentar o mistério da fé cristã de modo que fascinasse os corações.

Exatamente, a iniciação catecumenal 'é lugar privilegiado de *inculturação*', já que 'a Igreja acolhe os catecúmenos integralmente, com os seus vínculos culturais, purificados à luz do Evangelho. A ação catequizadora participa dessa função de incorporar as autênticas 'sementes da Palavra' disseminadas nos indivíduos e nos povos' (DNC 49d).

Para aprofundar a relação natural entre iniciação cristã e inculturação, convém definir dois caracteres essenciais da liturgia, já que a liturgia, um dos elementos centrais da iniciação cristã, talvez seja a riqueza que mais represente o tesouro da Igreja, de onde ela tira *coisas novas e velhas* (cf. Mt 13,52). Trata-se do caráter conservador e do caráter social e renovador, que fazem parte complementarmente da natureza da liturgia.

Portanto, não estamos falando de oposição, mas de adição integradora, como inspira a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a reforma da sagrada liturgia, quando diz: 'a mãe Igreja considera com igual direito e honra todos os ritos legitimamente reconhecidos e quer para o futuro conservá-los e de todos os modos incrementá-los... (SC 4)'. O binômio *conservar e incrementar* dá justamente a medida do que estamos falando, pois 'na verdade, a liturgia compõe-se de uma parte imutável, porque de instituição divina, e de outras suscetíveis de mudanças' (SC 21).

### **O caráter conservador da liturgia**

O caráter conservador é importante porque preserva elementos vitais do âmbito sagrado, os quais garantem a sobrevivência e autenticidade da liturgia, de acordo com sua natureza divina. Estes estão na esfera central do mistério celebrado e se aproximam daquilo que os sociólogos da religião chamam de 'mitos de fundação'. Por exemplo, é sagrado e fundamental que a liturgia cristã garanta a centralidade absoluta do mistério de Cristo, e não use o mistério para qualquer outra finalidade. Isso faz da liturgia um fim em si mesmo, ou no dizer de Romano Guardini,<sup>11</sup> um jogo de meninos que brincam por brincar, sem atrelar a brincadeira a um objetivo que inverta o

---

<sup>11</sup> Cf. GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. Capítulo V: *A liturgia como jogo*. pg. 72-85.

fim em meio, deturpando a finalidade e a natureza de uma ação cem por cento lúdica. Se o culto cristão for atrelado a objetivos como atrair recursos financeiros, ressaltar pessoas ou situações, realizar curas pontuais,<sup>12</sup> divertir multidões (show), conscientizar politicamente, etc. deixa de ter como fim absoluto o mistério de Cristo, passando a usá-lo como meio em busca de outro fim que não faz parte da natureza da liturgia. Isto destruiria a autenticidade das nossas celebrações.

O caráter conservador tende também a preservar elementos descritos no ato da fundação, a fim de manter no tempo a ligação do rito com o seu fundador. O exemplo mais claro encontra-se no sacramento da Eucaristia. Além do contexto pascal que permeia todo rito, os textos bíblicos de fundação falam de palavras, gestos e elementos naturais, que o bom senso pastoral e o rigor científico não podem modificar, sob pena de esmaecer a ligação com o Fundador e o próprio mistério que o rito celebra.

Na instituição da Eucaristia há palavras (isto é meu Corpo...Isto é meu Sangue...), elementos naturais (pão, vinho...) e gestos (tomou, partiu, repartiu), que não devem ser modificados pelo motivo descrito acima. Por outro lado, não se diz nada sobre a veste litúrgica. Isto não quer dizer que elas não sejam importantes, mas não ocupam um lugar central como as palavras, os gestos e os elementos naturais que aparecem no ato da instituição.

### **O caráter social e renovador da liturgia**

Porém, há um segundo caráter da liturgia, que é tão importante quanto o primeiro. Trata-se do caráter social e renovador, pois a liturgia, conforme sua etimologia, é um serviço do povo e para o povo, na sua busca de relação transcendente com Deus.

Então, aí está o aspecto dinâmico-social que faz da liturgia uma celebração comunicativa não só com o Transcendente, mas entre as pessoas que comunitariamente celebram seu encontro com o Transcendente. Neste

---

<sup>12</sup> Em relação ao aspecto da cura, exceção seja feita ao sacramento da Unção dos Enfermos, cuja função primordial é a cura integral da pessoa, como podemos observar na oração após a unção: 'Curai, Redentor nosso, pela graça do Espírito Santo, os sofrimentos deste enfermo. Sarai suas feridas, perdoai seus pecados, e expulsai para longe dele todos os sofrimentos espirituais e corporais. Concedei-lhe plena saúde de alma e corpo afim de que, restabelecido pela vossa misericórdia, possa retomar as suas atividades.' RUE, 77

âmbito é que reside o necessário aspecto da inculturação litúrgica. Em outras palavras, toda liturgia já nasce inculturada e não se expande em outras culturas senão através da inculturação.

### **As três macro-inculturações litúrgicas ao longo dos séculos**

A liturgia ocidental que tem como herança viva o rito latino realizou três grandes inculturações gerais e de grande porte, que consideramos macro-inculturações para diferenciar daquelas mais locais e restritas que sempre conviveram harmoniosamente ou não com o rito latino (micro-inculturações). As três grandes inculturações são: *grego-helenística*, *latina pura* e *latina romano-germânica*. Esta última foi reformada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e tende a constituir uma quarta grande inculturação, certamente com as diferenciais dos continentes por onde o rito latino se espalhou, já que hoje se pode falar realmente em um rito mundial.

Nosso objetivo é mostrar que a inculturação, como elemento presente na iniciação, é o caminho natural da celebração da fé e, portanto, a Tradição litúrgica nos autoriza e incentiva a seguir as intuições e orientações do Concílio Ecumênico Vaticano II, como um compromisso histórico do nosso tempo. Portanto, não vamos tratar das micro-inculturações, que também têm seu valor e sua urgência. Talvez, analisando as grandes inculturações, possamos apontar critérios para as inculturações mais restritas.

A liturgia matriz do cristianismo foi inaugurada por Jesus Cristo na última Ceia com seus Apóstolos, no Cenáculo, horas antes de ser preso e condenado à morte. Então, a última Ceia se tornou o referencial não só para o rito da Eucaristia, mais conhecido como Missa, mas para toda a celebração que a Igreja, como sacramento de Cristo, realiza no decurso da história até que Ele venha para consumir a própria história e estabelecer a nova ordem da Criação, inteiramente redimida e definitivamente restaurada. Trata-se, portanto, de uma liturgia pascal não só porque o rito nasceu no contexto da liturgia pascal hebraica, mas também porque expressa, atualiza e pereniza a passagem libertadora de Cristo na carne, tendo como eixo simbólico a morte e a ressurreição.

Esta celebração matriz nasceu inculturada na realidade judaica, com todos os significados, desde a comida, a ritualidade, até a língua litúrgica, que foi o hebraico para os textos fixos e o aramaico para os diálogos ou

textos mais recentes, pois o aramaico era a língua que o povo falava na época. Então, dentro do próprio rito já estava em andamento uma nova inculturação.

Logo após a morte de Jesus, os discípulos estimulados pelas aparições do Ressuscitado, começaram a celebrar o memorial pascal, cumprindo o mandado de perpetuar na história o que ele fizera na Ceia, como o desfecho ritual de toda a sua vida entregue por nós. Certamente usaram a mesma língua em que Jesus celebrou a Ceia.

### **A inculturação greco-helenística**

No entanto, o mundo em que Jesus viveu estava permeado pela cultura grega, pois

no início do século III a.C., o hebraico decaíra a ponto de a Torá ter sido traduzida para o grego...Em qualquer circunstância, os judeus que se encontravam fora da Palestina liam, escreviam, falavam, pensavam e adoravam em grego. Das inscrições encontradas nas catacumbas dos judeus em Roma, menos de 2% estavam em hebraico ou aramaico, ao passo que 74% se achavam em grego e as demais em latim.<sup>13</sup>

A língua grega também adquiriu um notável destaque no império romano. Este conquistou a Grécia pela espada, e os gregos conquistaram os romanos pela cultura. Então, a expansão da cultura grega não foi detida pela conquista romana, mas reforçada ainda mais. Chegou o ponto em que em Roma, das elites ao povo simples se compreendia e se falava o grego.

Neste contexto 'era inevitável que a religião cristã tivesse que se confrontar, desde os primeiros tempos, com a cultura grega, pois esta havia permeado, antes, o mundo helenístico e, depois, o próprio império romano'.<sup>14</sup>

A liturgia, com seu objetivo de celebrar o mistério de Cristo, não tem interesse e intenção de criar uma cultura paralela a fim de realizar o seu intento. O cristianismo, na sua convicção de se tornar uma fé universal, pro-

---

<sup>13</sup> STARK, Rodney. *O crescimento do cristianismo*. pg. 71-72

<sup>14</sup> LILLA, S. Helenismo e cristianismo. in AA.VV. *Dicionário patrístico de antiguidades cristã*. pg. 660

jeto encabeçado por São Paulo, Apóstolo, atinge o coração de cada cultura e ali anuncia e celebra o mistério de Cristo. Por isso a Igreja primitiva não tardou a fazer uma grande síntese em torno da cultura grega, já que

no ocidente latino, o evangelho foi inicialmente pregado em grego e teve como seguidores, em geral, as pessoas que falavam e entendiam o grego: o grego foi, portanto, não apenas a língua da pregação, da catequese, mas também da liturgia das mais antigas comunidades ocidentais.<sup>15</sup>

Então, 'o grego era a língua ecumênica da pregação evangélica primitiva...e da literatura cristã mais antiga...De fato, era a língua do mundo helenizado, em cujo âmbito se expressa não apenas o pensamento grego, mas também parte do judaico e do romano'.<sup>16</sup>

### **A inculturação latina «pura»**

Porém, em Roma, começa retomar força o latim, língua falada na região do Lácio, cuja existência está documentada desde o século VII a.C. Isto se deu a partir das classes populares, pois as culturas são dinâmicas, nada é estático e definitivo. Desta forma, no século III, Roma volta ao latim, e o grego se torna cada vez mais uma língua das elites.

Assim, embora o grego tenha sido a língua litúrgica em Roma até o século III,

no curso do segundo século, sempre mais numerosos se tornaram, sobretudo nas comunidades da África proconsular e da Itália, os fiéis de língua latina, de modo que, já na segunda metade do século, a língua latina teve de entrar na parte didática da liturgia comunitária.<sup>17</sup>

Entende-se por parte didática das celebrações comunitárias os elementos de instrução ou edificação ético-religiosa dos fiéis, como as leituras, homilias e preces litânicas. Então, os primeiros textos em latim foram as

<sup>15</sup> LOI, V. Latim cristão. in AA.VV. *Dicionário patrístico de antiguidades cristã*. pg. 810

<sup>16</sup> SINISCALCO. P. Línguas dos Padres. in AA.VV. *Dicionário patrístico de antiguidades cristã*. pg. 831

<sup>17</sup> LOI, V. Latim cristão. in AA.VV. *Dicionário patrístico de antiguidades cristã*. pg. 810

perícopes traduzidas para a liturgia da Palavra. Depois foram se firmando as doxologias, as aclamações e os hinos.<sup>18</sup>

Na segunda metade do século IV, a mudança da língua litúrgica do grego para o latim é atribuída ao Papa Damaso (366-384), que enfrentou, certamente, tensões e críticas. Firma-se, então, uma inculturação litúrgica de grande porte. Não era só uma mudança de língua, mas de maneira de pensar. A cultura romana, no seu caráter sóbrio, racional, preciso, jurídico, e, ao mesmo tempo profundamente simbólico, foi assumida na expressão litúrgica.

Aí, então, temos uma segunda grande síntese da liturgia ao longo dos séculos, que é a liturgia romana pura, situada de forma geral entre o V e o X século. Não é fácil descrevê-la com segurança, pois não temos muitos documentos e não sabemos exatamente até onde as honrarias oferecidas pelo Estado imperial cristianizado foram assumidas prontamente pela liturgia. Porém, é bom saber que a liturgia resistiu e manteve enquanto pode a sobriedade própria da índole latina. Infelizmente, Roma, neste período determinado, passou por vicissitudes históricas que a relegaram a um período de trevas. Seu esplendor e riqueza cultural desaparecem juntamente com tantos documentos importantes. Isto favoreceu uma segunda inculturação latina de índole diferente da primeira, que abordaremos mais à frente neste capítulo.

O que se sabe deste período é que prevalecia um matrimônio entre o simbolismo e a teologia, ajudando a celebrar com a *nobre simplicidade* típica da cultura romana o mistério de Cristo.

Os traços mais característicos da língua litúrgica latina pura são:

1. O gosto pela precisão das fórmulas de tipo jurídico;
2. A busca do curso rítmico da frase;
3. O gosto pela redundância dos sinônimos;
4. O gosto pelo paralelismo de afirmações contraditórias, tipo antitético;
5. O gosto pelo paralelismo que estabelece um jogo de sinônimos (sinonímica);
6. O gosto pela repetição de vocábulos próximos para reforçar uma idéia (aliteração).<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *Ibidem*. pg. 840

<sup>19</sup> Cf. LOI, V. Língua litúrgica. in AA.VV. *Dicionário patrístico de antiguidades cristã*. pg. 841

O objetivo de uma língua que se expressa desta maneira é dizer com palavras bastante exatas e corretas as idéias principais sem muitos rodeios ou jogos de imagens aproximativas que parecem nunca chegar ao ponto. A intenção é não deixar dúvida do que se pretende afirmar. O gosto pela precisão de fórmulas de tipo jurídico não permite nenhum desvio. O curso rítmico da frase estabelece uma poética que não deixa a oração ser engessada pelo aspecto jurídico, o que a tornaria cansativa e expressão da linguagem comum. Por isso a letra latina é muito propensa à música. A redundância dos sinônimos também é uma arte. Expressar as várias qualidades da mesma coisa denota conhecimento profundo. O paralelismo de afirmações contraditórias é extremamente bíblico e ajuda a compreender os pólos de oposição das opções cristãs entre o novo e o velho, a luz e as trevas, etc. Saber usar os sinônimos num jogo inteligente e belo é uma arte latina apreciável, que a liturgia soube manter. Ao dizer *hóstia, santa, pura, imaculada* (Canon romano) não se está simplesmente empilhando sinônimos, mas traçando com elegância a arte da sinonímica. O mesmo pode-se dizer da repetição de vocábulos próximos para reforçar uma idéia central. Contudo, a oração permanece curta e objetiva, bela e saborosa.

Daí também se pode entender que os gestos são claros e elegantes. Nada de dispersivo ou emaranhado. Uma procissão é uma caminhada rítmica sem parada até seu ponto final. O ponto final é o altar, mesa de refeição dos filhos de Deus irmanados em Cristo.

Uma liturgia assim também prima pela elegância e simplicidade, privilegiando o simbolismo de suas vestes. Por isso Roma, em termos de cor litúrgica, optou pelo *branco pascal* até o século XII. As vestes litúrgicas eram nobres e simples. Um exemplo muito claro é a casula. Provinda da antiga *paenula* profana, era um manto que envolvia todo o corpo, descia até os tornozelos e tinha só a abertura para a cabeça. 'Com esta forma tendo apenas como enfeite uma tira de galão para cobrir a costura da frente, e mais tarde um riçado em volta da abertura, a casula era veste litúrgica nas funções sacras para todos os clérigos do V ao X século'.<sup>20</sup> Temos notícias do início do século IV de comunidades que usavam túnicas brancas para toda a assembléia,<sup>21</sup> parafraseando a multidão dos redimidos (Ap 7,9).

<sup>20</sup> RÖWER, Basílio. Casula. in *Dicionário litúrgico*. pg. 63

<sup>21</sup> Cf. ALDAZABAL, José. *Gestos e símbolos*. pg. 42



O Ano litúrgico, enriquecido aos poucos com a memória dos mártires e confessores, privilegiava o mistério de Cristo, que era o centro absoluto, um sol sem concorrentes a empanar a memória do Senhor. Esta síntese latina pura é uma referência importante para a reforma litúrgica impetrada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

### **A inculturação latina romano-germânica**

A expansão da liturgia romana num mundo que pensava com outras categorias necessariamente levou à assimilação de novos valores. Com certeza, a África, a Gália, a Espanha, a Germânia tinham elementos culturais diferentes a contribuir, sem esquecer que Jerusalém, como cruzamento de peregrinações, assimilou e divulgou valores rituais destes lugares e ressaltou elementos próprios.

Nasce, então, pouco a pouco, uma outra síntese que adquire caracteres marcantes que se afirmaram com o fenômeno da reconstrução da hegemonia cristã pelo sacro império romano-germânico, através de Carlos Magno, na passagem do primeiro milênio, que podemos chamar de síntese carolíngia.

Este processo não poderia ser descrito com poucas palavras. No entanto, nosso objetivo é pincelar algumas características, para que se possa compreender a índole de uma nova síntese de grande porte que a liturgia realizou e que, para muitos, equivocadamente é considerada a liturgia da primitiva Tradição. Foi a partir da renovação desta liturgia que o Concílio Ecumênico Vaticano II realizou sua reforma litúrgica.

A liturgia afro-latino não sobreviveu ao assédio dos vândalos e, depois, dos muçulmanos. No entanto, tão perto da Gália, certamente repassou valores para a liturgia galicana de cunho gótico, que sobreviveu até a sua supressão por Carlos Magno, no século IX. É de se esperar que a variedades de cores, as danças, a maneira de se expressar não tão direta como a romana pura, se juntam a aspectos europeus clássicos e outros marcados pelo feudalismo, movimento gótico, renascentista e, mais tarde, barroco.

Tudo isto produz uma liturgia de caráter imperial, mas carregada de muitos elementos que se sobrepõem a várias épocas, culturas e valores. Há um gradativo distanciamento daquilo que era a liturgia romana pura. Há

sobreposições de orações e aspectos devocionais que não estão necessariamente em função da centralidade absoluta do mistério de Cristo.

As vestes litúrgicas também se sobrecarregam tanto de multiplicidade de elementos como de uma proposta de beleza que não garante a nobre simplicidade. A casula deixa de representar a antiga *paenula* e, de forma crescente, adquire enfeites e recortes, a partir do século X. Diz o Frei Basílio Röwer, em seu *dicionário litúrgico*, publicado em 1947, que 'não há liturgista que não lamente esta deturpação'.<sup>22</sup> O mesmo acontece com a alva, que é uma das vestes litúrgicas mais antigas, inspirada na túnica dos romanos e gregos. 'Na idade média, alargava-se a roda por meio de nesgas cuneiformes, enfeitavam-se as mangas e a parte de baixo, em frente e atrás, com peças sobre cosidas, quadradas ou retangulares, de seda ou de estofos de ouro e prata. Estas aplicações desde o século XVI cederam o lugar a rendas mais um menos largas em toda a volta da barra e das mangas'.<sup>23</sup> Muitas vestes clericais ou corais, como a *capa de asperges*, a partir do século IX se transformam em vestes litúrgicas. No caso, a capa de asperges substitui a casula, que passa para o uso exclusivo da missa.<sup>24</sup>

Os objetos litúrgicos passam pelo mesmo processo. A âmbula tinha justamente o nome de *píxide*, porque era uma caixinha (por isso, *pyxis*) muito simples, de material nobre e consistente, onde de se guardavam as sagradas espécies. 'Mais tarde davam ao vaso, como também à tampa, forma arquitetônicas de acordo com o estilo da igreja e incluía-se dentro um receptáculo especial para as sagradas espécies. A forma redonda da copa introduziu-se desde o século XVI'.<sup>25</sup> Não que este tipo de arte não tenha o seu valor, porém, se o elemento visível concentrar a atenção, corre-se o risco de esquecer o que é essencial, isto é, o mistério de Cristo revelado no pão consagrado.

Realmente, não há como encontrar na Ceia de Jesus ou na inculturação latina pura fundamentos para tudo isso. O complicado substitui a nobre simplicidade. Então a teologia tinha que achar explicações do tipo alegórico

<sup>22</sup> RÖWER, Basílio. Casula. in *Dicionário litúrgico*. pg. 63

<sup>23</sup> *Ibidem*. pg. 23

<sup>24</sup> *Ibidem*. pg. 61

<sup>25</sup> *Ibidem*, pg. 23

e não mais simbólico para garantir o aspecto sacral e conservador da liturgia e justificar o uso de uma variedade de indumentárias litúrgicas.

O rito, que antes era também nobre e simples ameaça perder-se nesta espécie de emaranhado. Com a investida da reforma protestante, a Igreja precisava estabelecer normas seguras e proteger seu depósito sagrado.

A reforma do Concílio de Trento, com toda a sua grandeza, estabeleceu critérios seguros, e com certa rigidez compreensível. Adotou os grandes valores desta terceira síntese litúrgica ao longo dos séculos, que é justamente a carolíngia.

Então, o aspecto social e renovador da liturgia, depois de séculos, gerou, através do Movimento litúrgico, fruto do viés do catolicismo iluminista, uma proposta de renovação litúrgica de inspiração mais tradicional que a tridentina, já que esta é a terceira inculturação de grande porte da liturgia da Igreja e representa tipicamente a Idade Média alta. Não é o caso de questionar a opção tridentina, que foi importante para o momento histórico, mas de reconhecer a legitimidade e a urgência de uma nova inculturação, que só terá futuro se entrar no eixo da iniciação cristã. A liturgia é a força mais viva da fé cristã e não pode ficar como símbolo de um passado.

### **Uma inculturação a partir do Vaticano II**

Os tempos foram apagando o conflito entre os católicos e protestantes gerado no século XVI, e o sopro do Espírito iluminou o Beato João XXIII, no século XX, a promover um Concílio que viesse dar continuidade ao processo vital de inculturação da liturgia e atualização da pregação da Igreja.

Este foi o Concílio Ecumênico Vaticano II, que corajosamente se debruçou sobre a questão. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia é a Carta Magna para a reforma litúrgica, caminho seguro e necessário de inculturação em vista de uma quarta síntese litúrgica ao longo da história. Dependemos, porém, de uma correta interpretação da *Sacrosanctum Concilium* em suas intuições e propostas. Lá, se 'explicitou o caráter pascal da liturgia e traçou os princípios da inculturação, afirmando a necessidade de adaptação da liturgia às várias culturas' (Liturgia fonte e ápice 19).

Mais de quarenta anos de caminhada pós-conciliar muito já se fez, pois 'existem celebrações animadas e orantes que ligam fé e vida. São inculturas na vida do povo, fermentos de santidade e de transformação social' (Liturgia fonte e ápice 2). Mas muito mais há por fazer:

A inculturação litúrgica mais do que nunca precisa ser incentivada, levando em conta os rostos latino-americanos, a religiosidade popular, as iniciativas de celebrações adaptadas aos meios afro-descendentes e indígenas, recuperando expressões culturais, o ritmo, o canto e a música, os instrumentos musicais, as vestes, os gestos, os símbolos das diferentes culturas (Liturgia fonte ápice 29).

Temos que reconhecer que o trabalho incansável do grupo de execução da reforma litúrgica, o *Consilium ad exsequendam de sacra liturgia* produziu todos os livros litúrgicos reformados, que foram traduzidos nas várias línguas vernáculas dos povos de rito latino.

Por outro lado, as comunidades promoveram iniciativas de inculturação, umas acertadas e outras infelizes, o que é natural, pois é errando que se corrige. A Santa Sé e as Conferências Episcopais estiveram sempre atentas para que o processo não caísse em abismos perigosos.

Os erros se explicam em grande parte pela falta de formação dos ministros ordenados e leigos. Esta é a crise que ameaça hoje o processo de inculturação que a liturgia necessita realizar.

Para uma sã inculturação litúrgica como consequência conciliar, é preciso se levar em consideração os seguintes princípios:

1. Conhecer profundamente a natureza da sagrada liturgia.
2. Compreender que o mistério de Cristo é o fulcro de qualquer inculturação litúrgica e que os elementos culturais que precisam ser assimilados devem necessariamente representar um avanço para a pregação e para a celebração da fé. Portanto não se trata de usar o mistério de Cristo para divulgar uma cultura, mas de sabiamente utilizar elementos culturais pertinentes em função do mistério de Cristo.
3. Considerar que a reforma que o Concílio Ecumênico Vaticano II realizou foi a partir de elementos tradicionais pertencentes a uma síntese típica do segundo milênio, a síntese carolíngia, e que o Concílio Vaticano II buscou nas fontes da primeira inculturação litúrgica latina o critério do

binômio: simplicidade e beleza (nobre simplicidade). A Ceia de Jesus e a inculturação latina pura não sustentam certas posturas rituais como o esplendor visual e a complicação dos elementos rituais. Então, certo tradicionalismo não é tão tradicional como se diz.

4. Não estamos propugnando pela volta ao estilo latino puro e nem tão pouco pelo despojamento absoluto dos elementos da inculturação carolíngia, mas pela nobre simplicidade que os comportamentos adaptados à nossa realidade exigem.
5. A nobre simplicidade não exclui a assimilação de valores novos necessários à pregação e à celebração da fé. Aqueles elementos que ressaltam o homem e não o Cristo, como certas posturas medievais e feudais, ou centralizam a comunidade histórica em detrimento da *ecclesia orans* que perpassa os séculos devem ser repensados com o olho crítico da fé. Esse olho crítico, em termos litúrgicos, se baseia na postura de João Batista, quando apresentou o Messias aos seus discípulos: *é necessário que ele cresça e eu diminua* (Jo 3,30). Quando Deus cresce dentro de nós, o homem verdadeiro pode ser entrevisto. Quando, ao contrário, o homem se torna o centro da história, não consegue realizar seus melhores sonhos por causa da auto-idolatria. O mistério de Cristo é o centro da história da salvação e todo o relativismo a esse respeito destrói seu fulcro místico.
6. A nobreza e a simplicidade do rito romano puro têm a função de preservar este princípio e, desta forma, nos milênios que nos forem ainda concedidos, o rito latino seja preservado e valorizado. Portanto, toda inculturação deve pautar-se pela pedagogia da nobre simplicidade.
7. Compreender que a ação ritual é expressão de beleza e arte e não uma ação comum, que pode padecer da falta destes dois elementos. Por isso, a música ritual e sacra tem que ser urgentemente valorizada. Isto é tão importante que se tornou uma das propostas para a liturgia em contribuição à V Assembléia de Aparecida. A arte sacra está no mesmo nível. Acabou o tempo de se tentar inculturações sem qualidade e peso. Elas só atrapalhariam o processo.
8. Antes de se entrar num processo de inculturação é necessário, portanto, clareza quanto ao conceito de inculturação, conhecimento científico da cultura que servirá de base para a inculturação e profundidade na ciência litúrgica.

Com todos estes cuidados, pode-se buscar uma autêntica inculturação em nossa realidade, como sugere a proposta de contribuição da ASLI e da CEPL para V Conferência, em Aparecida, 'levando em conta os rostos latino-americanos, a religiosidade popular, as iniciativas de celebrações adaptadas aos meios afro-descendentes e indígenas, recuperando expressões culturais, o ritmo, o canto e a música, os instrumentos musicais, as vestes, os gestos, os símbolos das diferentes culturas' (Liturgia fonte e ápice 29). Foi assim que a inculturação latina pura realizou uma síntese cultural invejável de acordo com moldes paulinos. Ressaltou o mistério de Cristo, através de elementos culturais pertinentes.

É direito sagrado de todos os povos conhecerem e amarem Jesus Cristo e serem iniciados no seu mistério pascal. Por outro lado, todos os povos carregam o seu tesouro simbólico como uma reserva dos valores que perpassam o limiar entre a vida e a morte. É neste horizonte que se situa a área que o processo de inculturação litúrgica deve conhecer com profundidade, pois lá reside a capacidade de expressão do que há de mais belo no coração das culturas. O Apóstolo Paulo seguiu este caminho e ajudou uma pequena comunidade de seguidores de Jesus, que corria o risco de se tornar fundamentalmente uma nova espécie de judaísmo, a se transformar numa comunidade verdadeiramente mundial, isto é, católica. Então, um dos motivos do crescimento do cristianismo católico está na sua capacidade de inculturação aliada à preservação dos valores de fonte. Este é um caminho que deu certo e por causa disto, em vez de uma comunidade judaica cristianizada, temos uma Igreja católica.

Então, persiste o sonho de que a quarta síntese que represente uma sã inculturação da liturgia ao longo da nossa história não seja abortada por falta de empenho e profundidade. Esperamos que o rito latino celebrado em terras com rosto indígenas, afro-descendentes, caribenhos e outros possa expressar a fé de nossa gente com a nobre simplicidade própria do rito que adotou estes povos e foi adotado por eles, graças à corajosa evangelização dos missionários.

## BIBLIOGRAFIA

- ALDALZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005
- ALDAZÁBAL, José. A Eucaristia. in BOROBIO, DIONISIO (org.). *a celebração na Igreja*. Vol. 2: *Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1993, pp. 153-357
- ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes. 2002
- BECKHÄUSER, Alberto. *A liturgia da missa: teologia e espiritualidade da Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Novas mudanças na missa*. Petrópolis: Vozes. 2002
- BELLOSO, Josep M. Rovira. *Os sacramentos: símbolos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BOROBIO, Dionisio. *La iniciación cristiana: bautismo educación familiar primera Eucaristia catecumenato, confirmación comunidade cristiana*. Salamaca: Sigueme, 2001
- BUGNINI, Annibale. *La riforma liturgica (1948 – 1975)*. Roma: LDC, 1983
- CANALS, J M. A oração na bíblia. in BORÓBIO, Dioniso (org.) *A celebração na Igreja III: ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola. 2000.
- CASTELLANO, Jesús. *Liturgia y vida espiritual: Teologia, celebración, experiência*: Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, (Biblioteca Litúrgica, 27), 2006
- CATECISMO da Igreja católica. edição revisada de acordo com o texto oficial latino. São Paulo: Loyola, 1999.
- CNBB. A Eucaristia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2005 (estudos 89)

**Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa**

*Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção.*